

LARES TRADICIONAIS E *desviantes*

BANCA 04 FINAL | EV 2º SEMESTRE 2021

G07

Leonardo Sarabanda

Maria Clara Calixto

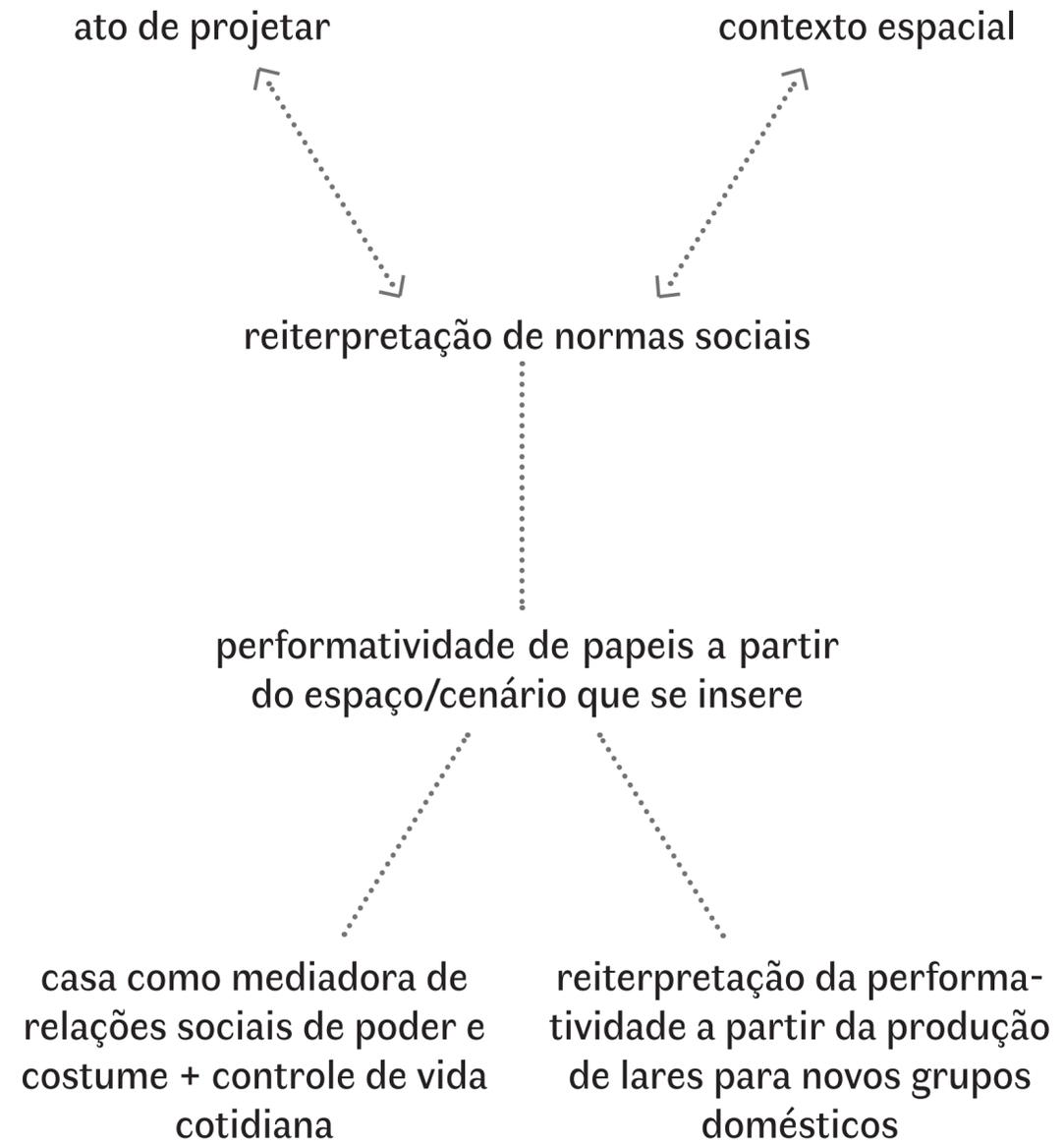
Maria Paula Rezende

| INTRODUÇÃO

Partindo do tema de interesse do grupo em trabalhar o “morar” dentro do Estúdio Vertical, escolhemos estudar comparativamente habitações brasileiras modernistas, entendendo-as através de uma perspectiva crítica da produção desses lares, formados por padrões sociais, morais, econômicos e religiosos *para corpos entendidos como padrão*.

Assim, buscamos compreender como a casa se materializa com heranças de relações sociais marcantes ao decorrer da história do Brasil, por meio da supervalorização da família nuclear tradicional e dos bens materiais na produção dos lares, valores morais de comportamento são impregnados no habitante tais como discursos de gênero, domesticidade e sexualidade. Dessa forma, a narrativa construída e ainda vigente fundamenta-se em uma série de padrões dicotômicos (público e privado, homem e mulher, sociais e de serviço), que criam uma narrativa binária do morar.

A produção da arquitetura modernista, em sua essência, busca produzir uma arquitetura para um corpo modular, de modo a abranger todos a partir deste um. No entanto, sabemos que *o habitar é desempenhado de diferentes maneiras, por núcleos domésticos variados e que nem sempre interpretam o papel que lhes foi designado*. Assim, fizemos uma seleção de projetos de edifícios de habitação de Paulo Mendes da Rocha, como talvez o maior representante da escola paulista, buscando analisar criticamente tais exemplos de moradia em função de suas tradições e, a partir disso, intervir por meio de diferentes narrativas e destacando outros modos de convivência e de redes de pessoas e afetos que compõem a arquitetura.



| RELAÇÃO COM O TEMA: a floresta que resiste na cidade, a cidade que existe na floresta

Partindo da leitura da transformação da cidade de São Paulo durante o séc. XX, de uma modernização pautada em modelos importados e pouco conectados com o próprio território, é possível tecer uma ponte com a crítica à arquitetura modernista que buscamos construir.

A escola paulista tem como base o modernismo, que é - também - provido de um modelo importado, com preceitos ditos universais para um corpo modular. Porém, uma crítica que se constrói, é o fato dessa arquitetura não considerar as regionalidades locais e sociais do sul global. São providas de um modelo eurocêntrico, branco, heteronormativo - ou seja, um *corpo padrão*. E essa estética do corpo padrão se materializa nas casas que habitamos, cujo ambiente construído é em grande parte criação da subjetividade masculina branca. Ou seja, a lógica opressora e desigual da sociedade ocidental é reproduzida na construção do espaço e das nossas formas de habitar. Assim, como abrangemos a diversidade com base num modelo que se diz universal?

Enxergamos no tema da floresta a possibilidade da representação da diversidade, do que é plural, e de se florescer a partir de uma mistura heterogênea. Estudos apontam o potencial da recuperação da mata atlântica e indicam que a sua resiliência está diretamente relacionada com o fato de a floresta ser um sistema aberto baseado na diversidade. Assim, a floresta pode ser um exemplo para o modo como construiremos as habitações

| OBRAS SELECIONADAS: edifícios de habitação Paulo Mendes da Rocha

1. Edifício Guaimbê (1960)

2. CECAP - Zezinho Prado (1967)

3. Edifício Jaraguá (1984)

Considerando que a produção dominante de habitação na cidade de São Paulo é de edifícios multifamiliares, nasce o recorte do grupo em pegar exemplos de um arquiteto que produziu desde a década de 60 até os anos 2000 edifícios que fugiam de uma norma do padrão imobiliário - apesar de serem contratados por construtoras, por um interesse mútuo de propor novos arranjos espaciais, com soluções estruturais pensadas para uma maior liberdade da planta.

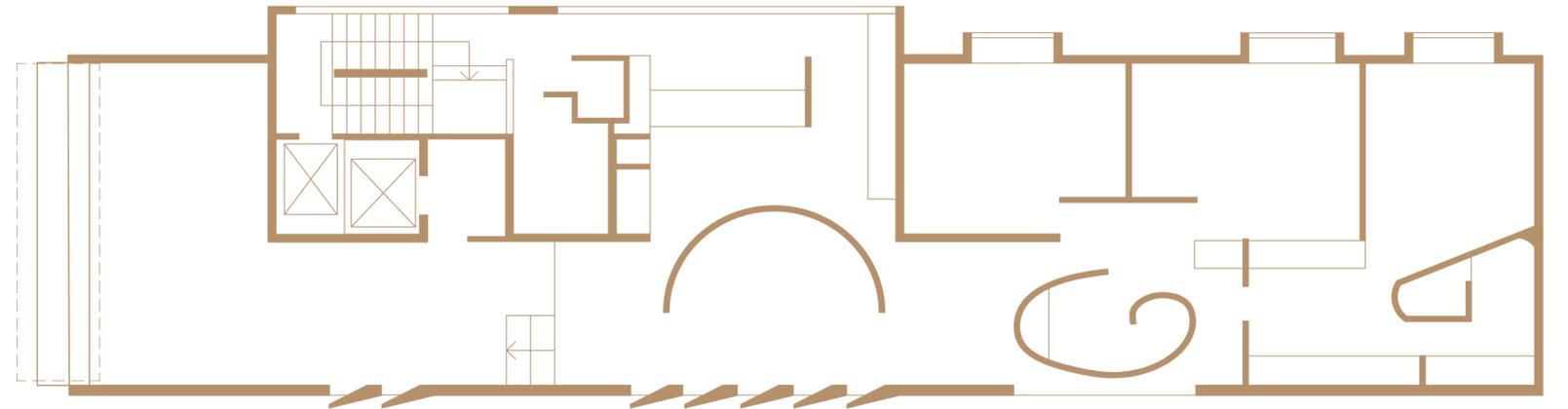
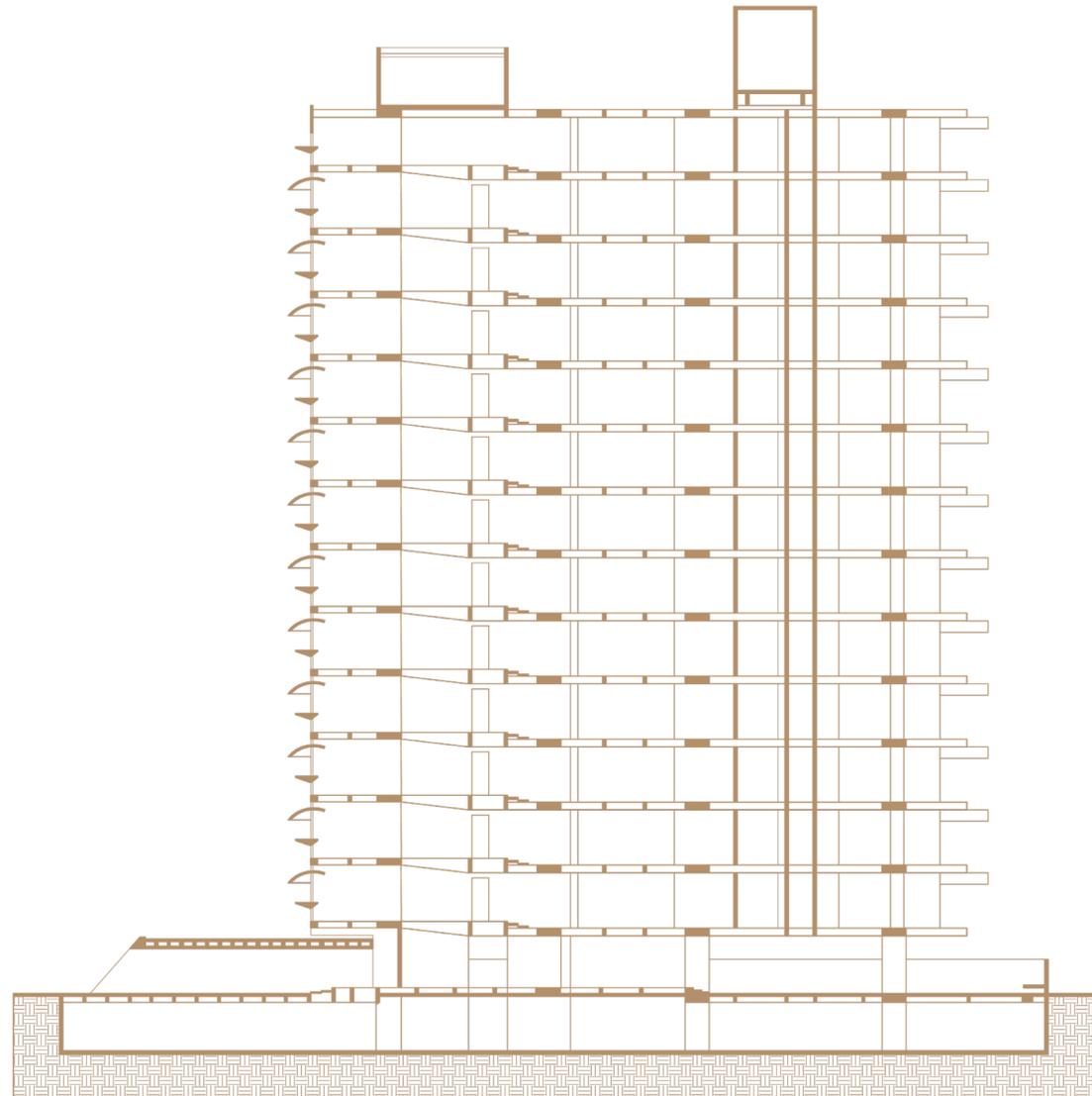
Assim, como compreender o modo de produzir a cidade e as relações sociais partir da habitação multifamiliar, tanto no desenho da unidade, considerando relação dos moradores em sua constituição identitária, quanto a relação do edifício com o entorno?

| Edifício Guaimbê (1960)

área: 200m²

pavimentos: 13 (1 unidade em cada pavimento)

localização: rua haddock lobo, bairro cerqueira cesar, São Paulo.

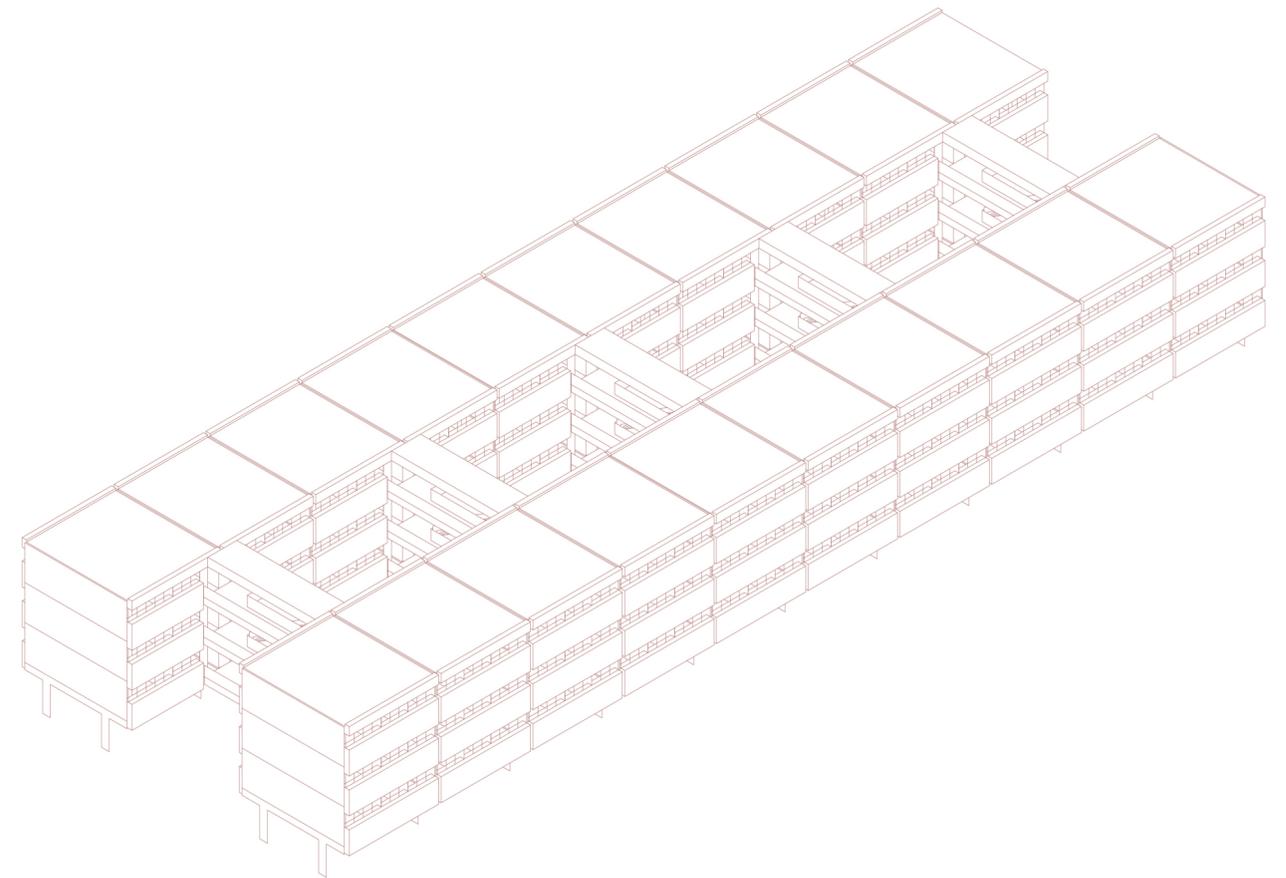
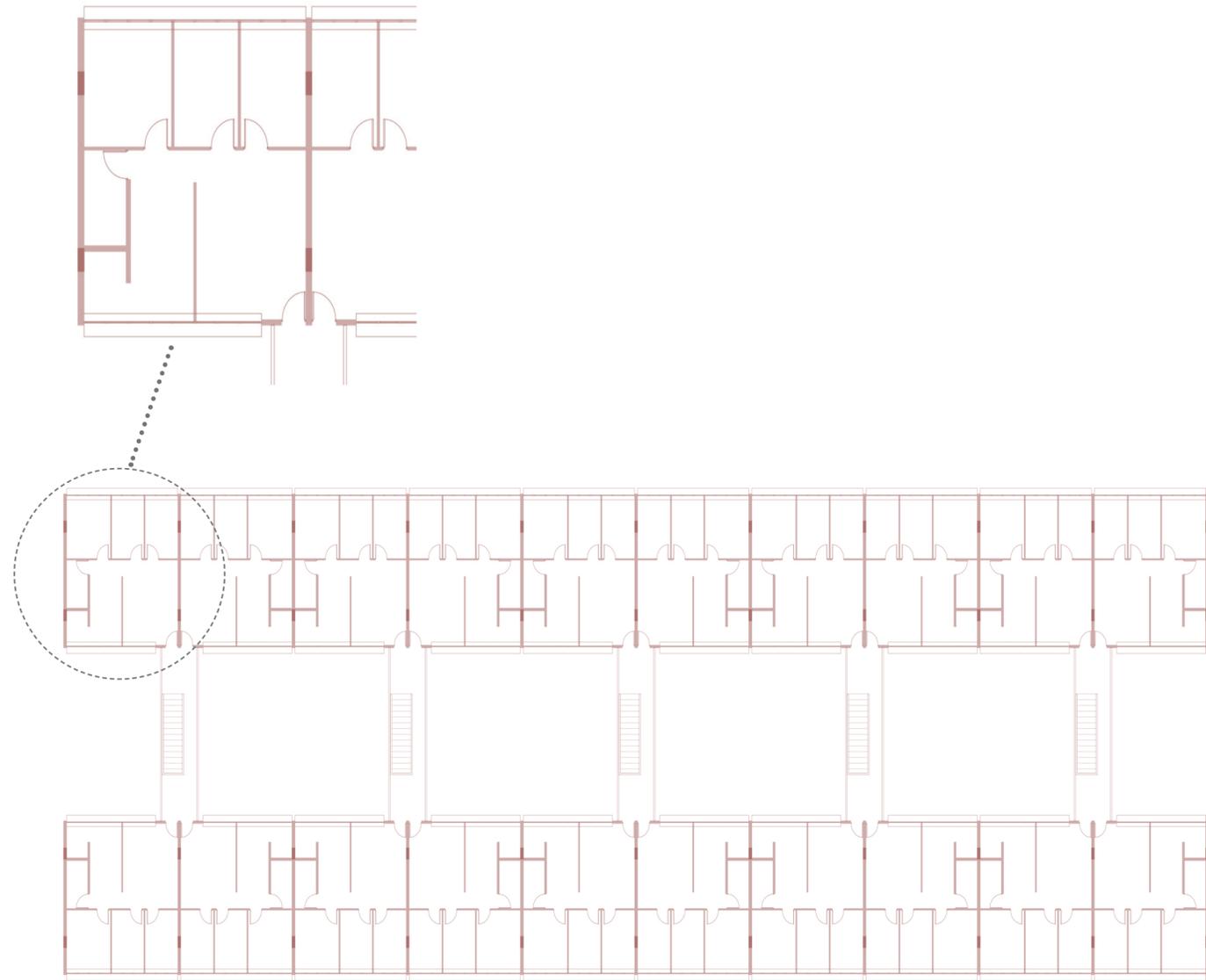


| CECAP - Zezinho Prado (1967)

área: 60m²

pavimento: 3 (10 unidades em cada pavimento)

localização: habitação popular em Guarulhos

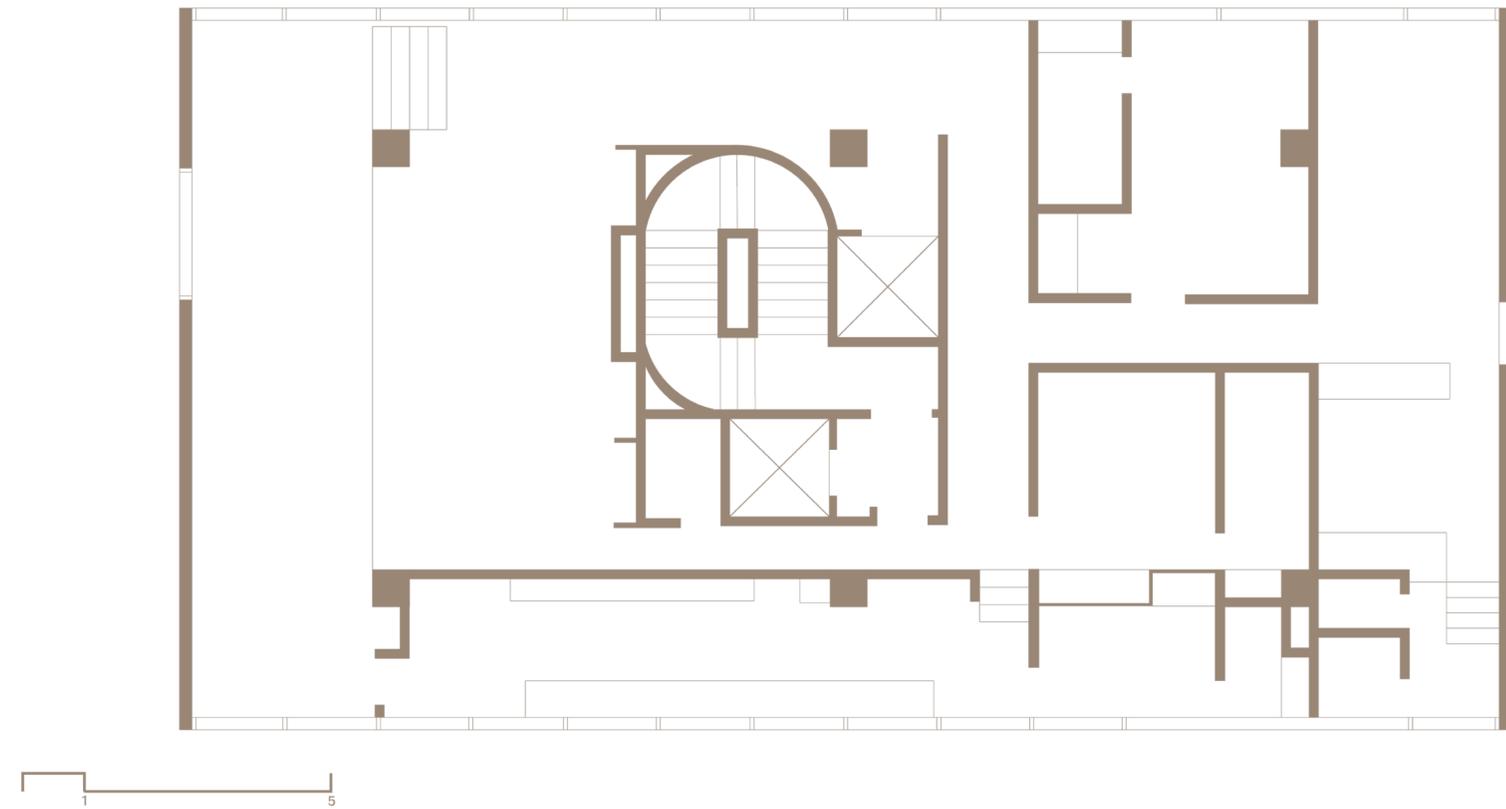
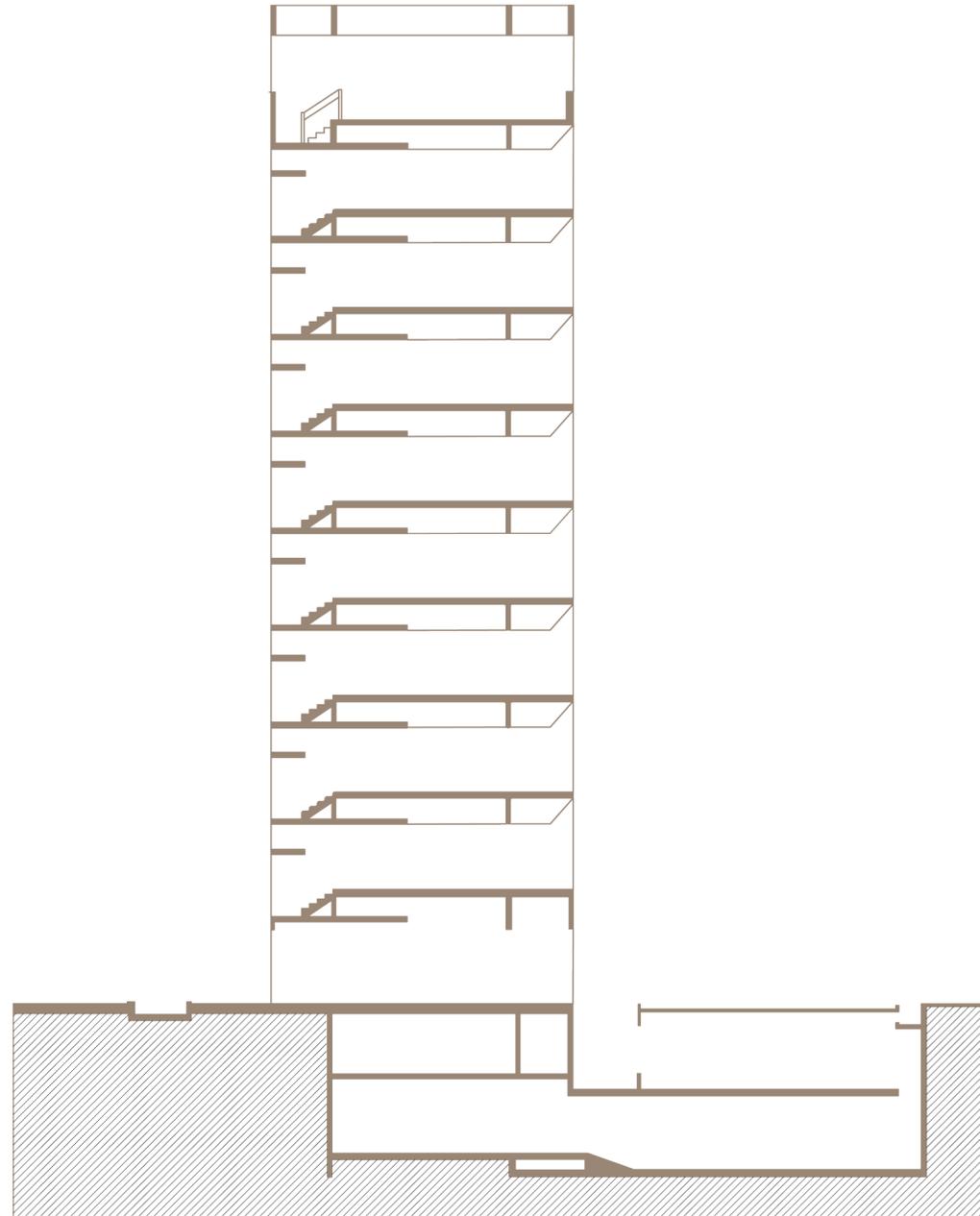


| Edifício Jaraguá (1984)

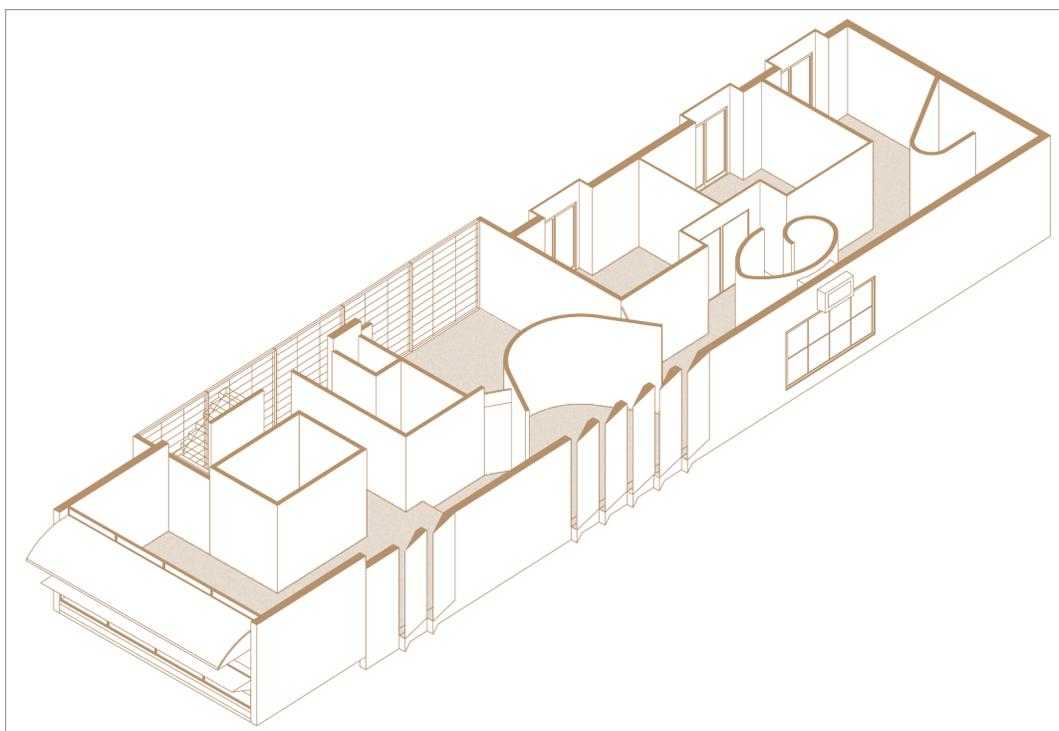
área: 217 m²

pavimento: 8 (1 unidade em cada pavimento)

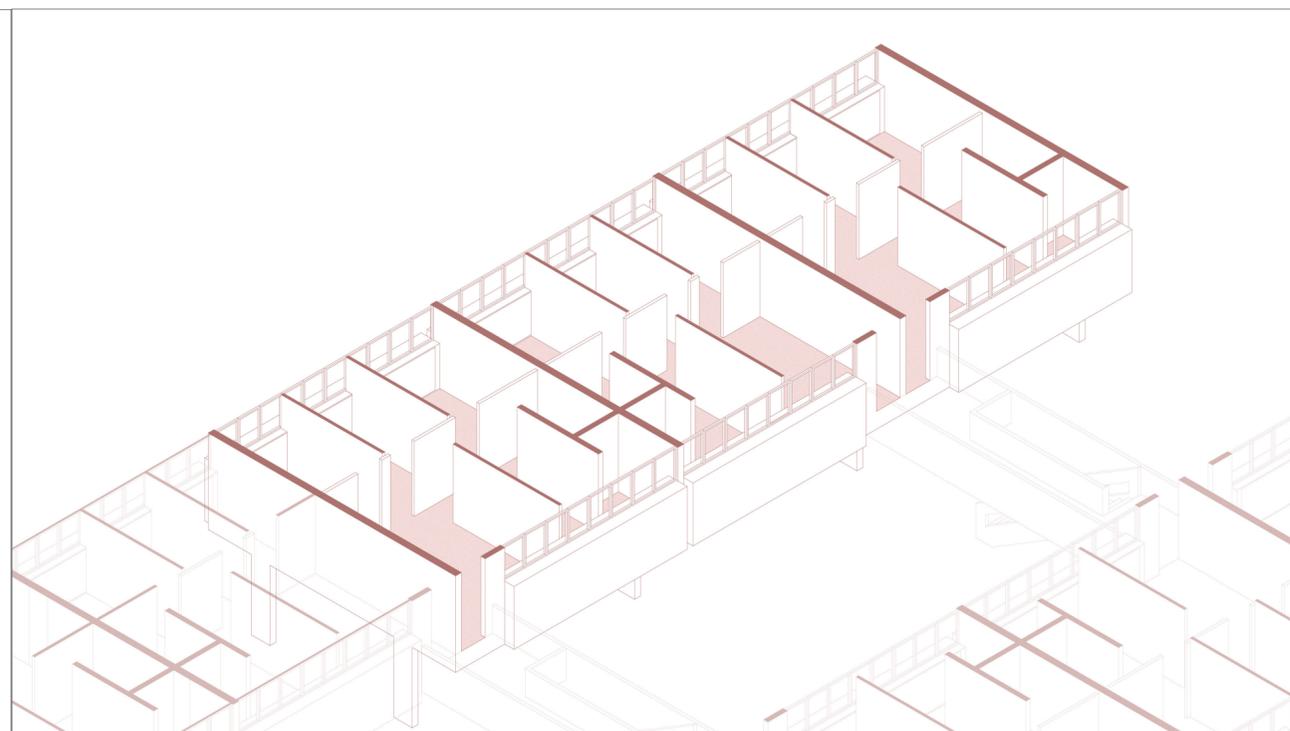
localização: R. Herculano, 420 - Sumarezinho, São Paulo.



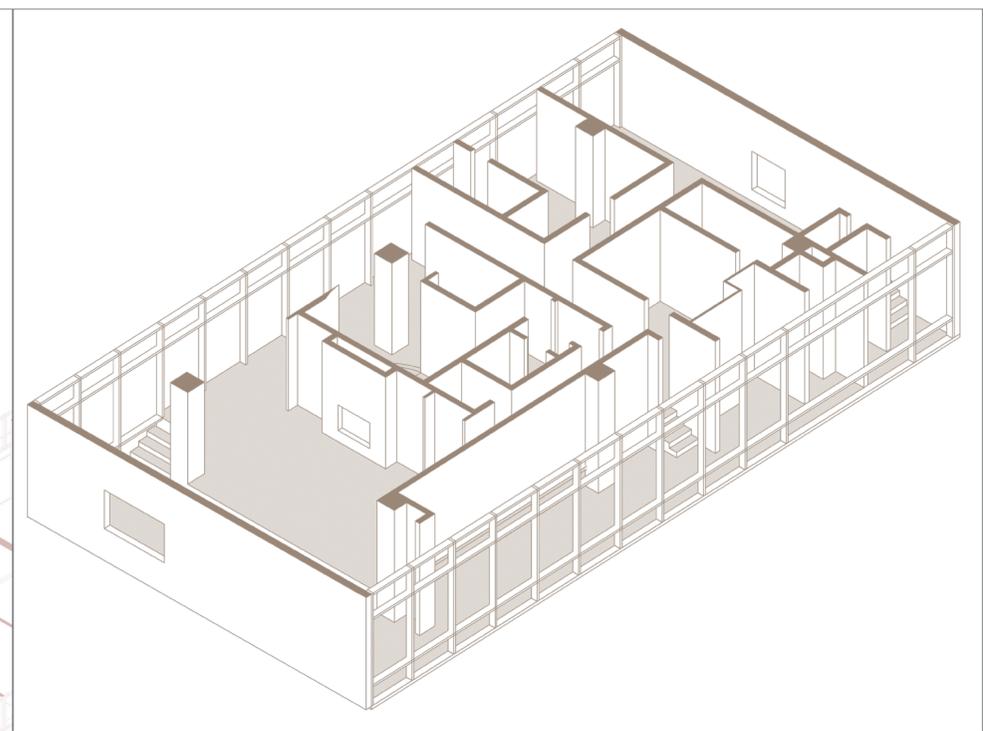
| VISTAS ISOMÉTRICAS



Edifício Guaimbê



CECAP



Edifício Jaraguá

| PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

produção de diagramas que, a partir de uma narrativa, buscam destacar relações tradicionais e opressoras conformadas para corpos padrão, observadas no projeto. Uso da escrita e da linguagem gráfica em cima da planta e corte do edifício, afim de a partir da bidimensionalidade ressaltar a binariedade do morar

..... intervenção no projeto a partir do rompimento no núcleo familiar tradicional, repensando a lógica habitacional do edifício como um todo

1. Habitação Queer
2. Habitação para mães solteiras
3. Habitação para artistas

| BIBLIOGRAFIA

COLOMINA, Beatriz et al. *Sexuality & space*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1992.

COLOMINA, Beatriz. *Domesticity at War*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2006.

COLOMINA, Beatriz. Collaborations: the private life of modern architecture. *Journal of the Society of Architectural Historians*, v. 58, n. 3, p. 462-471, 1999.

GALLONI, Fernanda. *Corpos dissidentes lares desviantes*. São Paulo: Escola da Cidade, monografia de graduação, 2021.

HEYNEN, Hilde; BAYDAR, Gülsüm. *Negotiating domesticity: spatial productions of gender in modern architecture*. Routledge, 2005.

FÉLIX, Rogério Ricciluca Matiello. Resenha: *Domesticidade, gênero e cultura material*. *Revista CPC*, v. 14, n. 27, p. 287-296, 2019.

BERKELEY, Ellen Perry; MCQUAID, Matilda. *Architecture: A Place for Women*. Berkeley. 1989.

ELEB, Monique. Lugares, gestos e palavras de conforto em casa. *Virus*, v. 5, 2011.

CARVALHO, Joana Mello de et al. Os sentidos do morar em três atos: representação, conforto e privacidade. Pós. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, v. 24, n. 44, p. 68-87, 2017.